

# ENTRE O PROFANO E O SAGRADO: A QUESTÃO DA FOLIA DE REIS EM QUIRINÓPOLIS.<sup>1</sup>

*ANDRADE, Wesley Lima de (Universidade Estadual de Goiás)<sup>2</sup>*  
*NOGUEIRA, Wanderléia Silva (Universidade Estadual de Goiás)<sup>3</sup>*  
*SILVA, Lêda Vieira (Universidade Estadual de Goiás)<sup>4</sup>*

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo consistiu na coleta e análise de um leque de histórias de vidas narradas, oralmente ou escritas, a qual tece a memória coletiva sobre o passado e o presente da cidade de Quirinópolis, percebendo-se a feroz influência do Sagrado na vida diária das pessoas, discutindo tempo e espaço como estratégica para compreender de que forma o sagrado e o profano se materializa na cultura local.

A nossa questão, aqui, é de abordar a Folia de Reis de Quirinópolis, como manifestação da cultura popular, provocando, assim, uma análise da rotina de vida das pessoas que se envolvem na fé popular, perfazendo um território Sagrado e ao mesmo tempo profano. Que se faz presente nesse modo de ser religioso do “homem do interior de Goiás”, especificamente, da nossa região.

Na discussão teórica, procuramos compreender o sagrado e o profano como manifestação popular. Para Brandão, a melhor maneira de se compreender a cultura popular é através de estudos sobre a religião, pois para ele é ali que ela aparece viva e multiforme, existindo em um estado constante de luta por sobrevivência e autonomia. (BRANDÃO, 1986, p 15). A cultura popular, portanto, assume a figura, ou melhor, o contexto da Religião Popular.

Marx afirma que a religião é o “ópio do povo”. Weber, ao que se referir à religiosidade popular, afirma que ela serve de domesticação e de legitimação dos poderes dominantes.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado para I Encontro do GT Nacional de História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH a ser realizada em Maringá entre os dias 07 a 10 de Maio de 2007.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de História pela Universidade Estadual de Goiás e Voluntário de Iniciação Científica PVIC/ UEG. Acadêmico, também, de Teologia pelo Instituto Teológico Dom Miguel. E-mail: irwesleylima@gmail.com.

<sup>3</sup> Pesquisadora – Orientadora, Licenciada em História e Especialista em “Brasil e Região: História e Historiografia”. Docente da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Quirinópolis. E-mail: wanderleiasnogueira@hotmail.com.

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de História e Voluntária de Iniciação Científica PVIC/UEG. E-mail:ledahis@pop.com.br.

De um ponto de vista sociológico, pode-se definir religião “como uma forma de produção simbólico – cultural, caracterizada por sua auto – referência a uma realidade transcendente” (MADURO, Otto, 1983). Ao que é transcendente é o que comumente chama-se de Sagrado, e ao que se é oposto a este – propriamente as coisas “mundanas” – denomina-se Profano.

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

Do ponto de vista metodológico, segundo Boris Kossoy a relação entre a fotografia e a História constitui uma incursão teórica interdisciplinar, indicando caminhos para interpretação iconológica, segundo uma abordagem sociocultural.

E a partir dessas imagens das festas de folias de Reis em Quirinópolis, produzidas por pessoas comuns, que ultrapassam o limite da memória do ambiente familiar, se estendendo e fazendo parte da memória coletiva e que vamos perceber a manifestação cultural popular entre o sagrado e o profano, utilizando a história oral.

As entrevistas serão realizadas com a comunidade quirinopolina, objetivando a construção da identidade, reafirmando valores, princípios e tradição.

## **3. A QUESTÃO DA FOLIA DE REIS EM QUIRINÓPOLIS**

Em Quirinópolis, a Folia de Reis, fora introduzida em um contexto que remonta o Brasil Colônia: a falta de clero para atender a região, levou os leigos a assumirem a função religiosa, já que, como afirma Bergson: *“Encontra-se no passado, e se encontrariam até hoje, sociedades humanas que não possuem ciência, nem arte, nem Filosofia, mas nunca existiu sociedade sem religião”* (1978, p. 85)

A introdução desta Festa na localidade mencionada, no entanto, ainda é desconhecida, não existe nenhuma documentação, relato oral ou escrito, que remonte a sua introdução no município de Quirinópolis. No entanto, sabe-se que a Festa tem característica familiar como relata Dona Vicensa Andrade: *“A Coroa é sempre passada para um membro da família, a fim de se manter a tradição”*.

Dentro desta perspectiva, a Festa inscreve-se em um contexto que remonta uma Tradição Familiar, que sempre tem como finalidade agradecer pelos “dons recebidos de Deus”, agradecer pela colheita e acima de toda e qualquer finalidade, “pagar” uma promessa.

A Festa de Folia de Reis, segundo Pe. Jaso, tem por sua essência “sacralizar um espaço, ou seja, tornar sagrado, elevar aquele espaço, objetos, pessoas, a encontrar-se com o transcendente”. Neste sentido de sacralização, vale-nos ressaltar alguns pontos que definem o sagrado e conseqüentemente, o profano, que é abordado como sendo o contrário de sagrado.

Rosendahl diz que “ a palavra sagrado tem o sentido de separação e definição, em manter separadas as experiências envolvendo uma divindade, de outras experiências que não envolvam, consideradas profanas”(1999, p. 231).

O Sagrado, portanto é tudo que envolve uma divindade, o que está fora desta perspectiva, ou que vá contra ela é considerado, Profano. Assim, as crenças religiosas, ou como explica Durkheim “... *aspecto característico do fenômeno religioso é o fato de que ele pressupõe uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente*” (DURKHEIM, 1989, p. 72). O Sagrado e Profano são profundamente dissociados. E todas as religiões tem como sua principal característica a distinção entre as coisas sagradas e as profanas.

Para se definir e entender o sagrado, devemos considerar a sua oposição ao profano. O sagrado se relaciona com a divindade e o profano não. A manifestação do sagrado no mundo se dá pela hierofania, que etimologicamente significa algo de sagrado que se revela (Cf. ELÍADE, 1992). Hierofania é a manifestação do sagrado em objetos, formas naturais ou pessoas. “... *O sagrado também se expressa, posteriormente à hierofania, através da Epifania, A epifania é a festividade religiosa com que se celebra a aparição ou manifestação divina. A festa cristão da Epifania, em 6 de janeiro, o Dia de Reis, comemora a primeira manifestação de Jesus aos gentios, representados pelos reis magos...*”(LOZI, 2003, p. 03) A Folia de Reis é, portanto, uma epifania que comemora uma hierofania, promovendo a integração da divindade, o sagrado, com o mundo material profano.

Após análise de fotografias, entrevistas, e, até mesmo participações em festas, fica latente a distinção entre o Sagrado e Profano na Festa de Folia de Reis. Percebe-se a sacralidade, nas orações, recitação do terço, nas visitas feitas às famílias em nome dos Reis Magos, entre outras características, que não podem ser classificadas de outra forma, porque levam a uma experiência mística, uma experiência com o transcendente. A questão do Sagrado na Festa passa pela manifestação da fé popular que “sacrifica” o espaço, a vida, a história das pessoas que ali depositam sua crença.

Aqui o termo sacrificar remete etilologicamente à origem da expressão sacrifício é derivado da expressão latina *sacra facere*, tornar sagrado.

Em Quirinópolis, as Folias de Reis contam com participantes que são motivados pelo pagamento de promessas. Durante o percurso que a folia percorre, são angariados alimentos, animais, dinheiro, que, entre outras coisas, servem para cobrir as despesas da festa, como afirma D. Vicensa: *“A festa é feita com o que se arrecada nas andanças dos foliões. Eles em cada casa que passam pedem algo, sem contar com o palhaço que sempre vai à frente e, por muitas vezes, chega a roubar coisas que está com maior facilidade, como galinhas, arroz, entre muitas outras coisas.”*

Este aspecto pode-se caracterizá-lo, por muitas vezes como profano. O fato do furto é contrário à divindade, que no caso caracterizando cristianismo, às propostas da doutrina religiosa.

Se de um lado aparece o lado Sagrado, como D. Francisca Suliano nos informa quando nos fala que *“a festa de reis é um lugar da gente rezar, onde todo mundo reza o terço, canta...”*. Aparece, também, um lado profano, ou seja, que não se liga ao sagrado, e até por vezes o contraria. As danças, as bebidas, o lucro que se tem a partir das sobras dos rendimentos, - e segundo D. Vicensa, *“o lucro varia muito de festa para festa, mas sempre é possível tê-lo”*. Tudo isso é tido como profano.

A festa que se inicia com a parte sagrada, da religiosidade, após o terço, que é o encerramento de toda uma nostalgia, inicia-se a segunda parte da festa que é marcada, unicamente pelo Profano. “Vira-se as costas” para o que a pouco foi o ponto central de toda a festividade e se mergulha em um outro universo que é totalmente contrário ao primeiro, segundo as definições já abordadas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente projeto procurou compreender a cultura popular na manifestação da festa Folia de Reis de Quirinópolis, Estado de Goiás, em especial as imagens do sagrado e do profano. Partimos da premissa de buscar as raízes da festa, o porquê, como, quando e de que forma acontece, havendo uma necessidade de registrar e catalogar os seus significados.

Registrar a história, a simbologia, a tradição e a religiosidade que é trazida em cada parte da Folia de Reis, é a cada dia voltar e identificar a identidade de cada morador, de cada pessoa que tem suas raízes arraigadas no extremo sudoeste goiano.

Através das transformações sócio-econômicas que sofre a região, principalmente o município de Quirinópolis, fica cada vez mais latente a introdução de novas culturas no seio da sociedade quirinopolina, em detrimento das raízes culturais da região que, por hora, estão se esvaziando. Diante desse impasse, buscar a tradição da população mais antiga, através de seus acervos particulares, e de seus relatos orais, faz cada vez mais necessários. Como nos lembra Ecléa Bosi: *“a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfigura mento das paisagens caras, pela desapareição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois constata a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual”* (BOSI, 1993, p. 82-83).

Identificar os elementos constantes nessa Festa Popular é fator preponderante para a compreensão cada vez mais eficaz da sociedade em evolução.

Diante do que fora exposto, o que ainda persiste é a identificação de pequenos elementos que leva a uma interpretação Sagrada ou Profana, e até mesmo elementos que fazem entrelaçar os dois sentidos, que são meramente opostos.

## 5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- ANDRADE, V. **Vicensa Andrade**. Depoimento [mar. 2007]. Entrevistador: W. L. Andrade. Quirinópolis: 2007. 47 minutos. Entrevista concedida para elaboração de artigo.
- 2- AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- 3- PALEARI, Giorgio. **Religiões do Povo**. São Paulo: Ave Maria, 1990.
- 4-BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. São Paulo: Brasiliense, 2ª Ed. 1986.
- 5- BERGSON, Henri. **As duas fontes da moral e da religião**. Trad. Nathanael C. Teixeira. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- 6- DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- 7- ELIADE, Mircea. **O sagrado e profano: a essência das religiões**. São Paulo: M. Fontes, 1992.
- 8- LOZI, Carolina Tomaz de Aquino, et al. **As folias de reis e o espaço geográfico da religião**. Uberlândia: UFU, 2003.

- 9- JÚNIOR, J. R. S.. **Pe. Jaso Ribeiro da Silva Junior**. Depoimento [mar. 2007]. Entrevistador: W. L. Andrade. Quirinópolis: 2007. 12 minutos. Entrevista concedida para elaboração de artigo.
- 10 -MADURO, Otto. **Religião e luta de classe**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- 11- MENDES, Luciana Aparecida de Souza. **A festa popular em devoção aos três reis magos**. Dourados: UFMS.
- 12- ROSENDAHL, Z. O espaço, o sagrado e o profano. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestação da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1999.
- 13- SANTOS, F. S. **Francisca Suliano dos Santos**. Depoimento [mar. 2007]. Entrevistador: W. L. Andrade. Quirinópolis: 2007. 23 minutos. Entrevista concedida para elaboração de artigo.